



No tennis do Sporting de Cascaes: M.^{lle} d'Orey

Série—N.º 397

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 29 de Setembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colónias portu-
guezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43



Numero avulso.... 10 cent.
Trimestre. 1.800 cent

Ano..... 4.800 cent.
Semestre..... 2.400

Cortez, Coelho & C.^a CASA BANCARIA

— 44, Rua 15 de Novembro —

☉ Caixa postal 50 — PARA ☉ ☉ ☉ Endereço teleg. MIRAN — BRAZIL ☉

Emitem saques sobre as principaes Praças da Europa, America do Norte e Brazil. Fazem cobranças de conta de terceiros. Compram e vendem Cambiaes, Coupons, Papeis de Credito etc.

Encarregam-se da administração de bens moveis e imoveis, por meio de procurações de ausentes, mediante modica commissão.

Compram e vendem moedas e papel-moeda de todos os paizes. Effectuam todas as transacções bancarias.

EU CURO A RUTURA

Sem uso ulterior de funda 17-8.

Se o sr. está rendido ou sabe de alguém que sofre de rutura, deve interessar-se pelo meu método de cura. O meu plano difere de todos os outros pelo facto de não só conter toda a variedade de ruturas n'uma forma continua e segura com perfeita commodidade, mas faz formar-se novo tecido na abertura da rutura, unindo assim o lugar roto e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro método produz este resultado. Provei já muita vez que posso curar a rutura ainda depois de duas operações terem fraccassado. Os meus pacientes curados passaram pelas maiores provas e reconhecimentoes medicos e fisicos e os doutores certificaram a cura. Nenhuma pessoa quebrada e demasiado nova ou demasiado velha para adotar o meu método — nenhuma quebrada é tão má que não possa ser curada.

Entre os milhares de pessoas que foram curadas estão os srs. Gaspar Paula, rua Mousinho da Silveira, 463, Porto, Portugal, solicitador, 64 anos de idade, herniado do lado esquerdo havia 10 anos; e o sr. Antonio dos Santos, travessa de Froes, 21, Santarem, Portugal, 75 anos de idade, hernia escrotal, de 6 anos; e o sr. D. Bernabé Feito, Cale Baja, Caspe; P. de Zaragoza, que foi curado na idade de 50 anos e que diz:

«Estava completamente curado e já não uso mais a funda. Dou-lhe muito agradecimentos pelo grande cuidado que tem com os seus doentes.»

Escreva-me immediatamente a pedir-me informações completas do meu método e com elas lhe enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franco de porte. Escreva-me immediatamente antes que a sua rutura chegue a estar estrangulada e uma operação seja o unico meio (mas não certo) de lhe salvar a vida. — Dr. Vm. S. R. ce (S. 825). 89, Stone-cutter S. T., Londres, E. C., Inglaterra.

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzá), Valle Maior (Alvergaria-a-Velha). Installadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de órma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphicom em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telephonic: **Lisboa 605—Porto, 117**

BREVEMENTE

Almanaque d'O SEculo

PARA 1914

Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, Paris.



Gold-Crème Albert Simon

negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos ne-



Pena de morte:

Ninguém contesta que o assassinio de Jalon se revestiu de todas as circunstancias que podem tornar odioso um crime. Ninguém duvida de que Sanchez é um verdadeiro teratoma moral. Entretanto, a sentença do conselho de guerra, condenando á morte o protagonista da tragedia de Madrid, não foi bem recebida pela consciencia europeia. A pena de morte é um anacronismo penal, que encerra em si todos os irreparáveis horrores d'um novo crime.



Repugna e ofende. A guilhotina, instrumento de exhibição gloriosa de *apaches*, que as canções de Aristide Bruant divinistaram, — nem sequer tem conseguido atenuar a criminalidade franceza. O assassino legal, falível mesmo como agente de repressão, ha de desaparecer de todos os codigos. Até lá, porém, o instinto coletivo de defeza das sociedades continuará a achar muito bem que a pena de morte seja abolida, — mas com a condição posta por Alfonse Karr: «*que messieurs les assassins commencent*».

A ponte:

A vida que ha n'uma ponte! Como essas imensas aranhas de ferro, atirando as pernas formidáveis sobre as aguas cintilantes d'um rio, animam, enriquecem, movimentam, transfiguram tudo! Como a vida convulsiva da margem rica se propaga, se transfunde em torrentes na margem pobre! Como tudo se modifica n'um momento, industrias regionaes,



vida comercial, condições economicas, mal os primeiros filamentos da imperceptível teia metálica se alongam, fulgurando, no ar doirado da manhã! Por isso a Outra Banda devia ter lido, com um sorriso de esperança, a noticia dos primeiros estudos para a construção da ponte sobre o Tejo, que será solenemente inaugurada, d'aqui a cem anos, pelos felicissimos filhos dos nossos bisnetos.

Artes graficas:



Com a bela iniciativa da administração da Imprensa Nacional, promovendo a exposição d'artes graficas que no dia 2 se inaugura, acaba de encontrar-se a idéa alemã de uma exposição internacional do livro, em Leipzig. Nada mais interessante do que estas historias vivas da evolução d'uma industria. Vendo os codices iluminados do seculo XVI, o *Livro d'Horas* de D. Manuel ou a *Biblia dos Jeronimos*; admirando os impressos portuguezes do

seculo XV, o *Breviário Bracharense*, a *Vita Christi* ou o *Vespasiano*; comparando os iluminados ou os incunabulos portuguezes e estrangeiros com as melhores edições modernas, — recebe-se a impressão de que a industria do livro, como a maior parte das industrias artisticas, tem perdido em beleza o que evidentemente ganhou em força de expansão e em rapidez de processos.



Um espectro:

A volta de Urbino de Freitas a Portugal trouxe-me á memoria, pela analogia das situações, uma figura pungente do teatro de Ibsen: *João-Gabriel-Borkman*. O medico illustre que foi Urbino expiou a sua pretendida culpa; e decorrido, sobre oito anos de Penitenciaria, o longo periodo de exilio voluntario no Brazil, pretende voltar a exercer na sociedade portugueza a ação a que lhe dão direito o seu talento e o seu diploma de medico. Oprimida de silencio e de sombra, estrangulada durante vinte anos, a energia superior que ha dentro d'esse homem — quer revelar-se, afirmar-se, explodir. O seu regresso é um brado desesperado, um movimento ansioso para a Vida. E entretanto, a aguia a quem quebraram as azas terá a ancia do espaço, — mas não poderá voar. A força que n'esse homem tumultua ficará para sempre desaproveitada. Da morte que o prostrou não se resurge. Seja qual fôr o destino reservado ao seu processo, Urbino de Freitas, como João-Gabriel-Borkman, poderá voltar á sociedade que justa ou injustamente o eliminou, mas atravessá-la ha sem a tocar, sem a sentir, — como um espectro.



JULIO DANTAS.

Ilustrações de Hipolito Collomb.



STUART.

ALUGA-SE

Dois anos depois de casados, podia afirmar-se que viviam ainda os dois na mais idílica das luas de mel, pois, bondoso e descendente em extremo, Gabriel Lioz não saberia, mesmo que o pretendesse, dizer que não a um pedido ou contrariar um desejo da mulher. Izabel Tereza inventava por isso, volta e meia, caprichos novos, e não tinham conta os objetos, os móveis, os vestidos que o esposo, á mais leve menção que ela fizera de gostar de os possuir, adquirira sem demora e sem discutir o preço ou a oportunidade da mércia.

Uma bela manhã Izabel Tereza acordara com desejos de um fonografo: para desespero dos vizinhos, veiu o fonografo mais poderoso que havia no mercado. Na tarde seguinte, ao vér na *Femina* a fotografia de uma atriz parisiense com um branco *lúli* da *Pomerania* no regaço, Izabel Tereza achou lindo ter um cáosito daqueles: em vez de um só, mandou Gabriel Lioz vir dois do mais acreditado fornecedor da Inglaterra.

Na noite immediata, sonhou Izabel Tereza com pulseiras de safiras, e uma semana depois, o marido offerencia-lhe uma, em tudo equal ás do sonho da consorte.

N'esse regimen de total realisação dos seus menores appetites, Izabel Tereza chegou ao transe affetivo de carecer de infligir continuos tratos á imaginação, com o fim de descobrir que mais adivinhar para o marido lhe ofertar. Uma altura houve até em que, não lhe sugerindo a fantasia mais coisa nenhuma que se podesse comprar, passou a considerar Lisboa uma cidade impossivel, pelintra, miseravel, onde não se encontrava nada do que se queria, e em cujas dessortidas lojas não apparecia novidade alguma capaz de tentar uma pessoa de gosto.

Exgotada por completo a sua inventiva, valeu a Izabel Tereza uma amiga, a D. Palmira Meudinho, que, para se consolar da parca mezada que o marido lhe estipulára, se não cançava de sentenciar:—Eu cá se fosse rica, havia de comprar isto e mandar fazer mais aquilo.

D. Palmira Meudinho foi para Izabel Tereza uma verdadeira providencia. Quando não sabia que mais pedir a Gabriel Lioz, ia visita-la ou mandava-a convidar para sua casa, desatramelando-lhe com facilidade a planeadora mania das grandezas.

—Que faria n'este caso a D. Palmira—interrogava Izabel Tereza—se podesse, já se vê?

—Ah! eu cá, D. Izabel, se fosse rica, se tivesse, por exemplo, o dinheiro da senhora, já ha muito que não andava em carro fretado.

—Montava carruagem sua, não é verdade?

—Nada, D. Izabel, que os cavalos de luxo custam muito caro e adoecem com qualquer ársinho.

—Então?

—Ora então... Fazia o que faz toda a gente de meios. Comprava um automovel.

—Tem razão, um automovel! Ainda me não occorrera, mas hei de consultar o Gabriel.

—Consultar o Gabriel... Quem ouvisse a minha amiga, havia de pensar que o sr. Lioz é da força do meu marido.

—Todos os homens se parecem, D. Palmira.

—Não creia n'essas, D. Izabel. Os maridos são, mal comparados, como as creadas de servir. Todas uma peste, mas, afinal, a muito custo, lá se tira uma que nem pezada a oiro... Agora tenho eu cá em casa uma parafuga de Alhos Vedros—foi a que lhe abriu a porta, não reparou?—que me caju do céu. Não imagina o descanso que ela me dá. Só tem um defeito: é muito dorminhoca, mas tambem perfeito, só Deus. Ora assim como nas creadas, entre mil apparece uma geitosa, tambem marido como o seu haverá poucos. A D. Izabel póde dar parabens á fortuna e considerar-se muito feliz.

—Muito feliz porquê, D. Palmira?

—Ainda m'o pergunta! Realizou o seu ideal, que, como já me tem dito, varias vezes, foi sempre casar com um homem rico. Para mais, o sr. Lioz não vê outra coisa no mundo e adora-a: o que talvez não estivesse no seu programa de solteira, mas não sabe nada mal.

—Adora-me? Sei lá se não serão ovos de Pascoa?

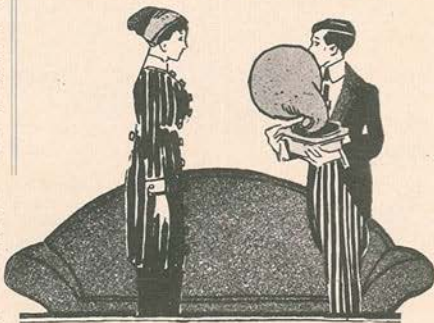
—Qual. Eles conhecem-se logo. O mau genio dos maridos. D. Izabel, é como o bispo no feijão: não ha temperos que o disfarcem.

—Até vér, não é tarde, D. Palmira. E para lhe falar com franqueza, não me sinto infeliz.

—Tambem seria cuspir para o céu.

—E que faria a D. Palmira se tivesse automovel?

—Deixe a minha amiga estar que lhe não dava muito descanso. Não havia de ser como os Enseadas—conhece?—que tem um automovel, pintado



de réxo, que até me faz lembrar—Deus me perdoe!—o andar do Senhor dos Passos, que só sae da igreja uma vez cada ano...

—Tem graça. São uns sensaborões.

—E' que isto da riqueza, D. Izabel, está muito mal combinado. Cs que tem dinheiro não sabem gasta-lo, e os que podiam dar le's no assúnto lutam com mil difficuldades. Devia fazer-se exame para riqueza, não acha?

—Acho que o melhor é ter dinheiro, mesmo sem exame.

—São opiniões. Mas como lhe ia dizendo: se tivesse um automovel, não tornava a sair a pé. Havia de andar n'ele todo o santo dia. Visitas, compras, animatografo, tudo a gazolina. E depois, de vez em quando, cada passeio que lhe não conto nada. Não ficaria buraco em Portugal onde eu não metess o nariz.

—Deve ser muito agradável viajar de automovel!

—Uma delicia, não imagina! Eu já fui um dia a Cintra no *Fiat* das Silvas Pratos, e não calcula que interessante! Logo ao sairmos de Bemfica, rebentou um pneumático... Que divertido, D. Izabel, faz lá ideia!

Foi d'essa conversa que surgiu em Izabel Tereza o desejo veemente de possuir um automovel. Gabriel Lioz, muito conservador nos seus gostos, detestava semelhantes veiculos. Atraveu-se, por isso, ja primeira vez que a mulher lhe falou n'elles, a opôr certos reparos, mas como Izabel Tereza, surpreendida com esta ligeira sombra de negativa da parte do marido, puxasse do lenço, disposta a estreiar as suas lagrimas de esposa infe-



liz, n'essa mesma tarde Gabriel Lioz lhe trouxe catalogos de varias marcas para ella escolher.

Quando, enfim, d'ái a meses o carro encomendado chegou, um silencioso *Minerva* de 40 H. P., Izabel Tereza, delirando, passou a andar n'ele rua abaixo e rua acima, para se mostrar, concluindo em breve que Lisboa era uma cidade pequenissima, de ruas estreitas e esburacadas, onde, para se passear algumas horas de automovel, havia que fazer vinte vezes o mesmo percurso. Lembrou-se então dos passeios fóra, em que a D. Palmira Meudinho lhe falára, e, como era justo, convidou-a para o primeiro, deixando o itinerario á sua escolha.

D. Palmira, que tinha no Alemtejo uns parentes do marido, aos quaes viu ensejo de deslumbrar, propoz que se embarcasse com o automovel até Cacilhas, seguindo d'all em digressão até Alcaccer do Sal. Izabel Tereza achou muito bem e participou o caso ao marido que, como era seu costume, aprovou. E lá foram.

No trajeto entre Setubal e Alcaccer, o automovel teve um desarranjo, que obrigava a uma demorada reparação. Estavam n'um sitio ermo onde, á beira da estrada, havia um raquitico bosque de eucaliptos, á escassa sombra do qual os tres

mais aceio e variedade. O dia estava importuno de calor. D. Palmira achara-o um amor de dia para se passear. E n'essa maré de louvor, chegou D. Palmira Meudinho a classificar de encantador o descampado onde se encontravam retidos á espera de que o automovel se decidisse a funcionar, esboçando logo all um dos seus projetos:

—Se eu fosse rica, comprava este terreno e mandava construir uma casa para passar o verão. Isto aqui é um pouco scco, concordo, mas com dinheiro não ha nada que se não remedie.

Depois era distinto, original, escolher o Alemtejo para veranear, n'um sitio desconhecido, longe de Cintra, de Cascaes, dos Estoris, para onde vae toda a gente.

—Ouves Gabriel?—interrogou Izabel Tereza, já seduzida por mais este novo plano da D. Palmira Meudinho—Se fizessemos aqui uma casa de campo?

—De campo, não podia ser—respondeu Gabriel Lioz—porque nunca vi terra mais arida. Teriamos de nos contentar com uma casa de charneca...

—Sempre de bom humor o sr. Lioz!—atallhou D. Palmira—Ainda bem, porque é sinal de que tem saude. Mas, ou de campo, ou de charneca, havia de causar inveja a todos ter uma casa onde ainda não ha nenhuma.

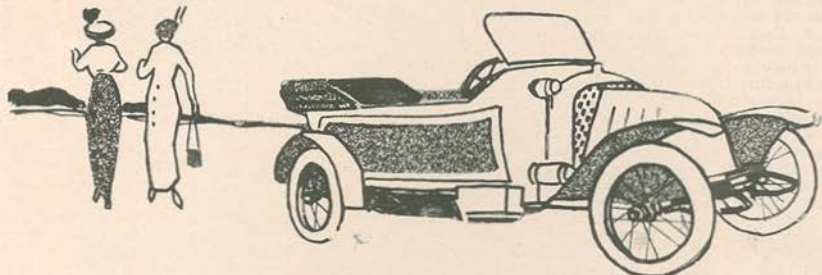
—Acho que a minha amiga diz muito bem,—reforçou Izabel Tereza—havemos de pensar...

Alagado em suor pelo concerto que tivera de fazer á chisneira do sol, o *chauffeur* participou que o motor já trabalhava. Retomaram os seus logares e seguiram ao seu destino, enquanto, no intimo de Izabel Tereza, o recente projeto de D. Palmira Meudinho tomava vulto, sorrindo-lhe.

Um ano depois, a casa estava feita. Na primavera vieram visita-la com a D. Palmira, que logo disse a Izabel Tereza que, se tivesse posses, a havia de mobilar assim e assado. Seguiu-se mais uma vez, na escolha e disposição do mobiliario, a intrometida opinião de D. Palmira Meudinho, e no principio de junho estava tudo á postos na *Vila Izabel Tereza* para receber os proprietarios.

Gabriel Lioz avisou a mulher de que podiam ir quando ella quizesse. Em Izabel Tereza esfriara já um pouco o entusiasmo por essa vilegiatura, algum tanto saharahiana. Adiou, por isso, a partida para o mez de julho, nos primeiros dias do qual lá foram os dois no automovel, tendo mandado antes muitas malas e varios creados.

Ao cabo de oito dias de estada n'esse despovoado sitio, onde se não enxergava ninguém, e que nem nome sequer tinha, Izabel Tereza principiou a dar mostras de profundo aborrecimento, mal-



apeados passageiros se recolheram do sol quente que fazia.

Entusiasmada com a jornada, D. Palmira Meudinho, desde que saíra de Lisboa, não se cansava de elogiar tudo quanto via ou lhes acontecia. O almoço em Setubal fóra detestavel. D. Palmira declarára, porém, que nem nos grandes hotéis de Paris—onde nunca puzera os pés—se comia com

dizendo comsigo, pela vez primeira, as idéas grandiosas de D. Palmira Meudinho. Gabriel Lioz tambem não morria d'amores por toda aquella solidão, e como um dia a esposa lhe declarasse que parecia não se dar bem na casa, alagou um *chalet* no Mont'Estoril, onde se instalaram durante o resto do verão.

Apesar de gastador, Gabriel Lioz sabia o valor

do dinheiro, e tendo percebido que a mulher só amarrada tornaria a habitar a *Vila Isabel Tereza*, disse-lhe que era melhor ver se conseguiriam alugá-la:

—Lá em cascos de rochas, sem comboio, sem recursos, sem nada, ha-de ser difícil, mas emfim sempre é bom tentar.

—Não parecerá mal—inquiriu Isabel Tereza—queremos alugar uma casa que mandámos fazer para nós?

—O que sempre me pareceu muito mal foi ter-mol-a mandado fazer. Lá quanto ao mais, que digam o que quiserem...

—Tambem não é tanto assim. A D. Palmira costuma dizer que...

—Já cá tardava essa conselheira, que foi a culpada de mais esta tolice. Olha, dá-lhe a casa de presente, queres?

—Bem, se comesças com d'sparates, não digo mais nada. Vende, aluga, faz lá o que quizeres. Só te peço uma coisa: é que mandes apagar o nome que lhe puzemos. Não posso consentir que ninguém habite n'uma casa com o meu nome.

D'aí a tres dias desaparecia da *Vila Isabel Tereza* o nome da dona e surgia na porta um cartão com este dizer: *Aluga-se*. Nas semanas mais proximas d'este banal acontecimento, não appareceu ninguém a pretender a casa. No mez seguinte, porém, recebeu Gabriel Lioz a visita de um sujeito que desejava saber as condições. Gabriel Lioz exultou, mas como não fazia coisa alguma sem ouvir a mulher, pediu o nome ao pretendente, para depois lhe mandar a resposta por escrito. O homemsinho deu-lhe o seu cartão de visita, e Gabriel Lioz foi, ao continuo, transmitir a novidade á esposa. Ao conhecê-la, a primeira pergunta de Isabel Tereza foi esta:

—Como se chama o nosso futuro inquilino?

—Confesso-te que ainda não tinha tido curiosidade de o saber, mas está aqui o bilhete d'ele—e lendo—chama-se Pascoal Meudinho.

—Meudinho? Então é parente da D. Palmira. Se calhar,



zer incomodar a cá voltar, deixa-me a sua morada, e eu mando amanhã uma resposta a v. ex.ª.

Ficou assim combinado.

—Tu estás doido?—foi a exclamação de Isabel Tereza, quando o marido lhe deu parte do caso—Seis creanças! Mas iriam estragar-nos a casa.

—Qual estragar! Ela não se fez para outra coisa. E depois a senhora pareceu-me muito boa pessoa.

—Ah! Agradou-te. E la sósinha?

—Disse me que o marido estava hoje de serviço e a não tinha podido acompanhar, mas que para se fechar o negocio, não faltaria.

—Cheira-me a intrujice. Uma senhora sósinha, e para mais com seis filhos, aqui anda historia. Nada, não serve.

—Reflete, que estamos a perder dinheiro, e os pretendentes não apparecem assim com toda essa facilidade.

—Não serve, já disse. Meter n'uma casa nossa uma creatura que não se sabe quem é.

—Indaga-se, se quizeres.

—Nada, deixem-nos de negocios com saias. Não serve.

Ainda d'esta vez Gabriel Lioz, bem a pezar



é ela quem a quer. Pois, não senhora, não consinto, que é para aprender'a não ser trapalhona. Cuida provavelmente que eu sou tola. Que impostoral

—Repara, filha, que sempre são cem mil réis que se vão á vela...

—Sejam cem ou duzentos. Já disse, não consinto. Que tal está a enredadeira, heim?

Em vista da recusa formal de Isabel Tereza, teve Gabriel Lioz de dizer que não ao alugador. Passaram dias, veiu uma trovoadá que deitou muita agua, e o *Aluga-se* da isolada «vila» ficou illegivel. Verificou-o Gabriel Lioz quando lá foi dar ordens ao creado encarregado de a guardar. Para remediar o transtorno, mandou Gabriel Lioz arranjar uma pequena tableta de madeira com o anuncio: *Aluga-se*, que em breve fazia o milagre de atrair um novo pretendente a habitante do deserto.

D'esta vez, quem procurou Gabriel Lioz foi uma senhora, que lhe declarou ter gostado do sitio pela largueza que as creanças lá poderiam ter.

—V. ex.ª tem muitos filhos?—perguntou Gabriel Lioz.

—Tenho seis.

—Todos pequenos?

—O mais velho vai fazer nove anos.

—Bom. Ha de me dar v. ex.ª vinte e quatro horas para consultar minha esposa. Se se não qui-

seu, teve de encolher-se perante a vontade despotica da mulher, e a *Vila Isabel Tereza* continuou por alugar.

Uma noite, algum ratoneiro que passava, não podendo roubar mais nada, levou—a exemplo do que antes d'ele duas outras mãos desconhecidas haviam feito—a terceira tableta com *Aluga-se* que Gabriel Lioz cercara de mandar fazer. Quando o encarregado participou ao patrão o sucedido, Gabriel Lioz enfureceu-se, e, fazendo outra vez a detestada viagem, tomou a heroica resolução de mandar pintar a oleo, bem em evidencia, na frontaria da casa as letras do aviso: *Aluga-se*.

Quem agora passa por aquelas ermas paragens tem a surpresa de ver uma casa com este estranho batismo: *Aluga-se*, e como, depois de Pascoal Meudinho e da senhora dos seis filhos—e já lá vão muitos mezes—não appareceu mais nenhum pretendente, vai radicando-se nos poucos cam-nheiros que por ali transitam o costume de chamar a esse sitio: o *Aluga-se*.

Como o sitio, antes da casa de Gabriel Lioz, não tinha nome, o futuro terá, pelo menos, de agradecer a D. Palmira Meudinho o haver enriquecido—mesmo sem ser rica...—a corografia nacional.

MANOEL DE-SOUSA PINTO.

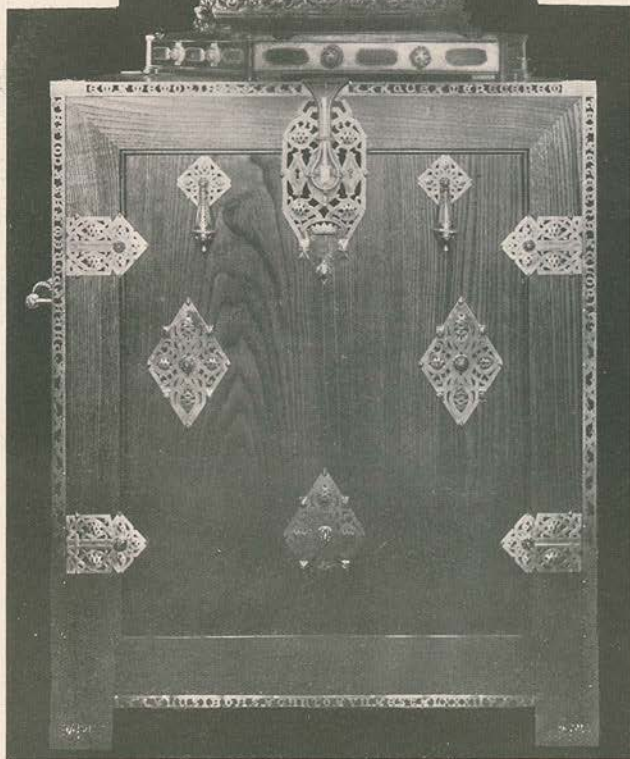
- O Presente de Noivado -

A magnífica joia que os monarcas de Lisboa ofereceram a D. Manuel de Bragança, e que foi trabalhada nos ateliers Leitão, é uma obra prima. Evocou-se com essa caravela, que é o cofre precioso dos dois talheres dos noivos, uma tradição do século XVI que ao mesmo tempo é um mimo e uma lembrança histórica. Os talheres são de ouro com os cabos de agata, argolas de rubis com corças e esculpidos esmaltados. A

nau é reconstituída sobre os modelos das que foram descobertas; mostra as suas velas enfunadas nas quaes se abre a cruz de Cristo em granadas vivas n'aquelle fundo d'agata translúcida. No castelo da proa ha lampões d'ouro com o seu ar de vitraes medievos no esmalte precioso de que são feitos.

A um lado uma ancora em esmeraldas desfralda uma fita onde se lê «Lisboa.»

Craveja-se de brilhantes uma flâmula com quinas de safiras.



A caravela, oferta dos monarcas de Lisboa a D. Manuel de Bragança colocada sobre o estojo, que por sua vez estava metido na celebre mala que a Alfandega deteve alguns dias por falta de formalidades aduaneiras.

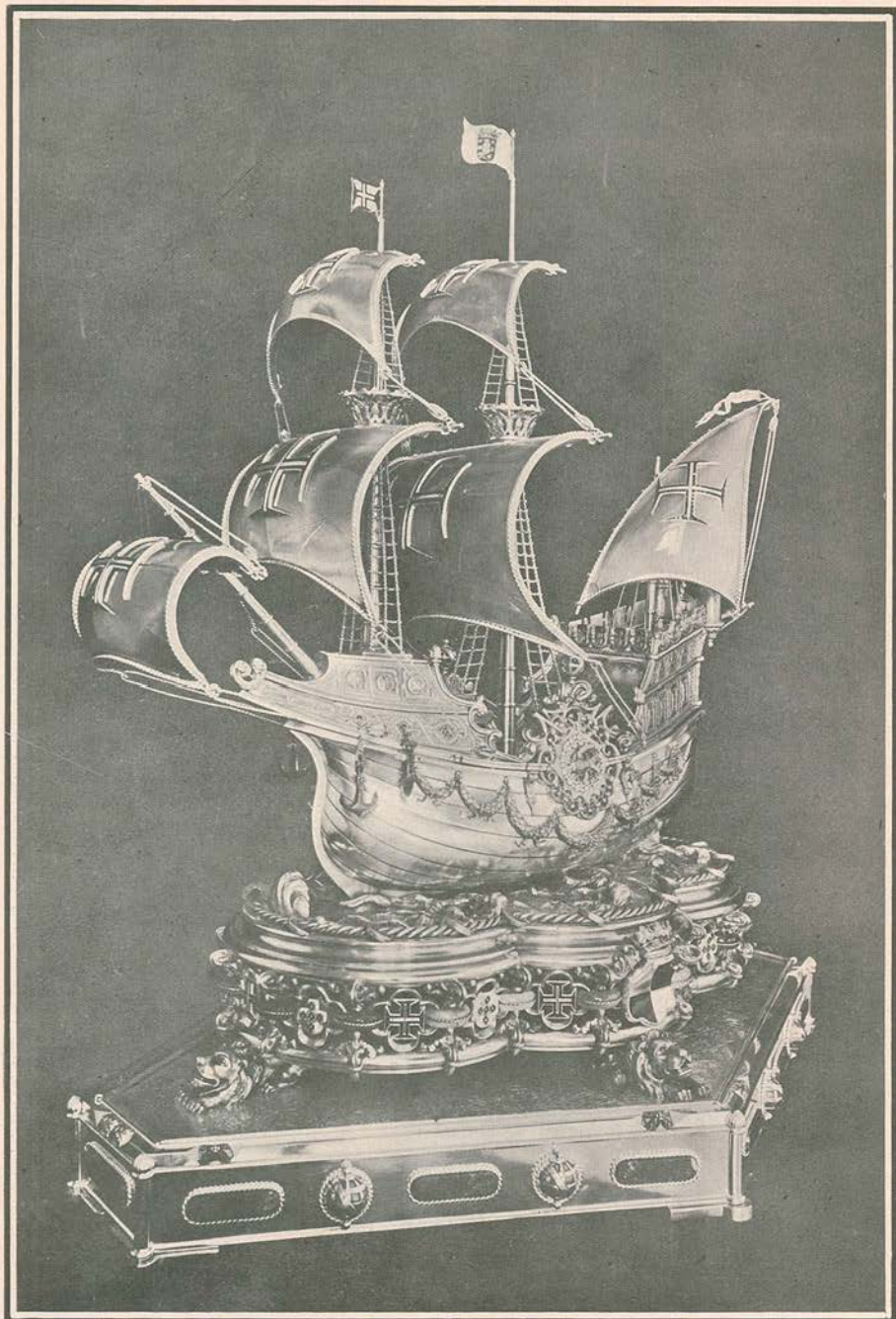
Podem estas joias servir de broches, pendentes e botões de hombro para prender mantos.

Os guardanapos que vão dentro do convez da nau são feitos de rendas de Peniche com motivos heráldicos e as suas argolas são dois lindos anéis, um, o da noiva, um brilhante em forma de coração rodeado de esmeraldas, o do noivo um brilhante com duas safiras quadradas.

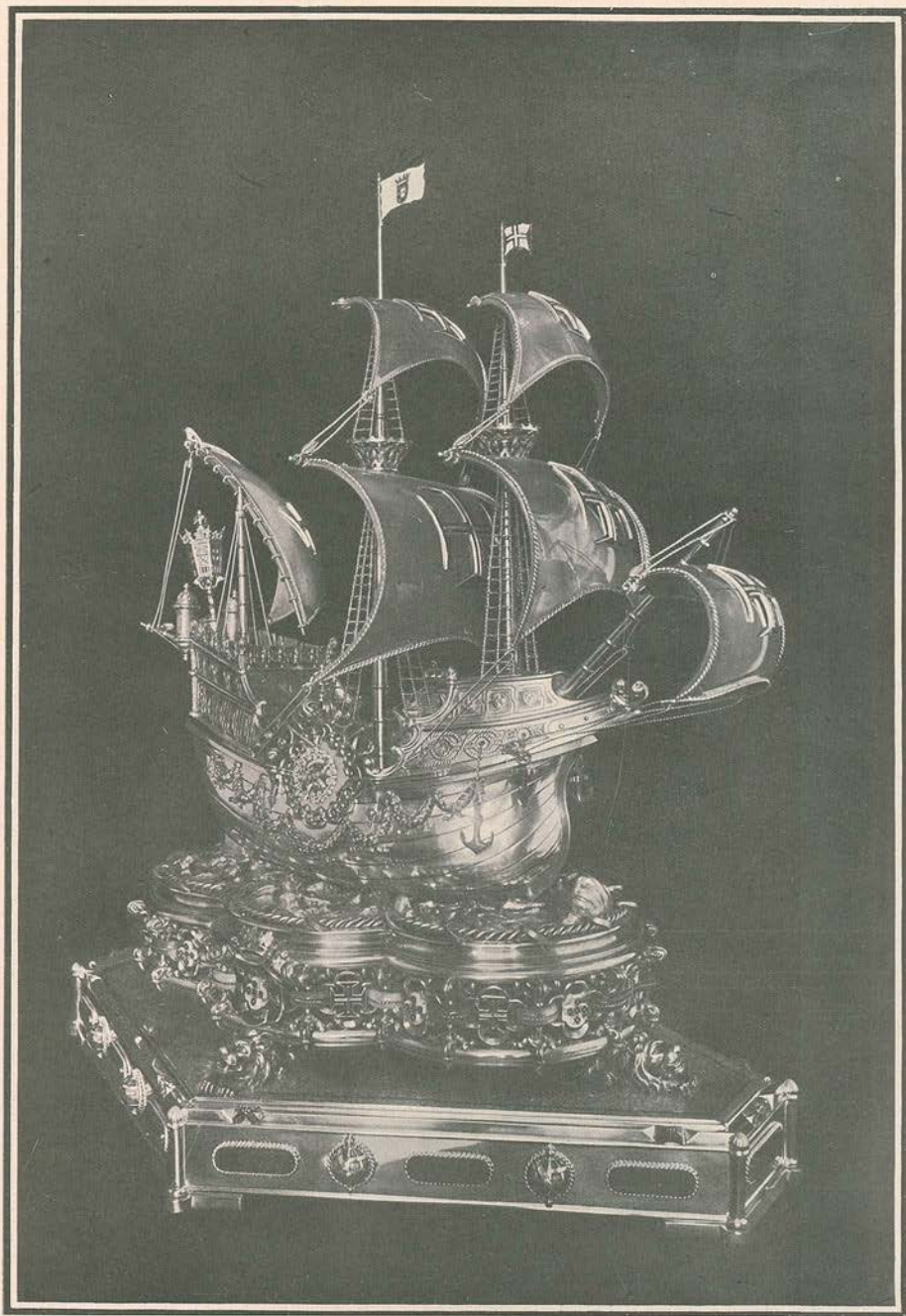
Tudo isto estava ainda metido n'um formoso contador arabe em cujo tempo se lê o verso celebre dos «Luziadas»:

*Para porem
as cousas em
memoria
Que merecerem
ter eterna gloria.*

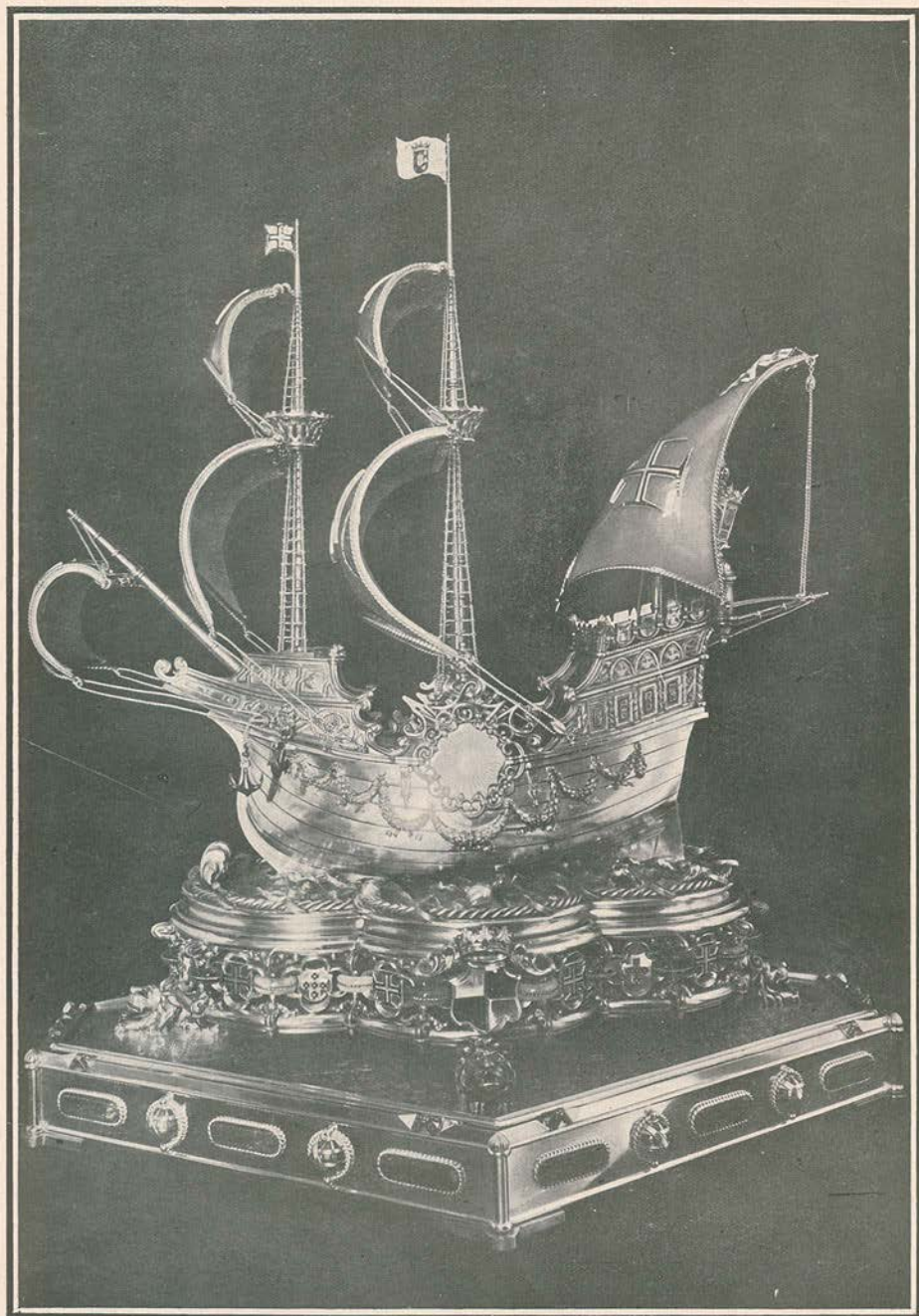
Muitas das peças d'esta linda joia já tinham seguido o seu destino quando a mala foi detida na Alfandega d'onde sahio para Inglaterra a bordo do paquete «Fylla» e consignada a sir Arthur Incolson do Foreign Office depois de ter pago 4\$50, isto é, 1 e meio por cento «ad valorem.»



A caravel vista a tres quartos.



Outra face da caravela vista a tres quartos



A caravela vista de lado

(Ver continuação na página 360)

A praia da Aguda

Eu não sei quem inventou este nome. Mas calculo que devia ter alma de poeta o primeiro que, chibatado pelo tédio, e quando era mais *aguda* a nostalgia, n'essa linda praia da Aguda foi procurar distrair o seu tormento, a sua magoa íntima, o *spleen* torturante e anestesiante da existen-

ção mundo bem mais tranquilo do que esse outro d'onde a náusea e a fadiga nos afugentam.

Miramar, Aguda, Granja e Espinho! Deliciosos rincões de verdura, de luz suave, de ar lavado e de macia sombra, para fruição e lenimento dos felizes que podem

fugir ao tumultuar irritante dos grandes centros!

Mas a Aguda, que é uma praia nova, ha dois dias a bem dizer formada, pelo esforço amoralvel de alguns fervorososromeiros d'aquele pitoresco local, apesar de enfileirar ao lado de outras mais antigas e mais afamadas, tem já hoje, entre as suas vizinhas, uma importância que não pô-



cia. Ainda, quando se sustem os olhos já cansados das belezas que mais proximas nos ficam, e que a frequência de observação torna monotonos—Foz, Matosinhos, Leça—vá de fugir para o primeiro comboio, ali em S. Bento, ou Campanhã, atravessa-se o Douro n'um paio altivo e atordoante, e por entre bosques, matas, extensas e verdejantes sebes, campos floridos, pinheiraes hir-

tos, casas brancas e *chalets* alegres, qualquer estação ou apeadeiro nos brinda com pequenos oasis adormentadores ou vergeis encantados, onde apraz repousar, adormecer, sonhar, com um prazer espiritual e doce, n'um

dem ofuscar mesmo os que porventura com bons olhos não vejam o seu progresso e desenvolvimento.

Demorando a um kilometro da Granja, muito saudavel, isenta de humidade, d'uma grande suavidade,



1. Aspetto das vivendas—2. Diante da onda

de temperatura, é uma zona verdadeiramente privilegiada, que densas filas de pinheiros salubres orlam, aformoseando-a. As condições higienicas são magnificas, as ruas principaes servidas de canalisação moderna, e com meios de transportes facéis e rapidos, os comboios levando apenas uns cincoenta minutos desde

meras casas de aluguer, todas novas e confortaveis, um café bem servido, uma assembleia com um grande salão de festas, estabelecimentos modelares.

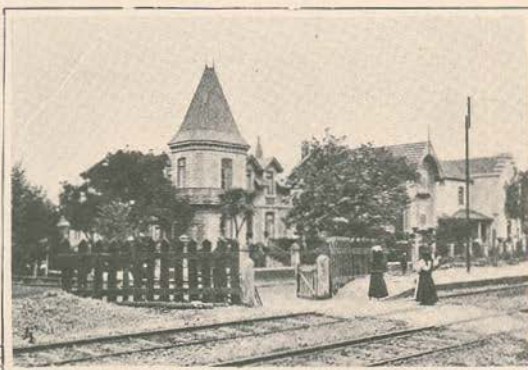
A linda praia começa a ser frequentada por muitas das principaes familias do Porto, que ali vão fruir, na estação calmosa, alguns dias de convivencia íntima e co-



No banho—2. Banhistas 8. Diante da objetiva

a estação de S. Bento.

Tem importantes melhoramentos em conclusão, com a ampla e bela avenida que a liga a Miramar e á Granja, ao longo da linha ferrea, pelo poente. Conta já nu-



municativa, n'uma serenidade só perturbada pelo ramalhar lamuriento dos pinheiros e pela toada plangitiva do oceano.

Felizes os que podem veranear!

SOUSA MARTINS.

Outro aspeto de vivenda—(Cliché Alvaro Martins)

Construções de areia

Uma das praias mais animadas do norte é sem dúvida nenhuma a Vila do Conde onde tem decorrido cheia de entusiasmos a época balnear. As diversões sucedem-se e quase diariamente e todas com entusiasmos sempre crescente. A colônia balnear,



A comissão organizadora da festa e parte de amadores que tomaram parte na festa: 1.º plano da esquerda para a direita (deitados):—Srs. José Menezes Junior; Francisco Mairões, João Paulo Mexia (Pombreiro), Luiz Cardoso Margaride, Antônio Cardoso (Margaride), André Oliveira. 2.º plano de joelhos: Srs. Mosqueira, Osvaldo Oliveira, A. Barbosa, M. Galvão, M. d'Oliveira, J. Lima. 3.º plano de pé: srs. Lamartine d'Oliveira, A. Campos, Torres, D. Ribeiro da Silva, J. Meneses, Conde de Martin, dr. João Galvão, A. Lopes, dr. Castro Lopes, A. Guimarães (Folhadella), L. Mexia (Pombreiro), A. Conceiro, dr. Jorge de Faria, A. Guimarães, João de Oliveira, Armando Oliveira.

composta pela mais distinta sociedade, constitui por assim dizer uma grande família e de ahí o caracter que imprimem a todas as suas finas diversões. Realizou-se ali ultimamente um concurso de construções na areia como se usa nas grandes praias francezas



Uma das construções classificadas.



Um grupo de senhoras que tomaram parte na festa — 1.º plano da esquerda para a direita deitadas: Madame Rocha Brito, Mademoiselles Berta Faria, Assunção Galvão, Helena Faria, Maria d'Azambuja (Marim), Alzira Barbosa.—2.º plano de pé e sentadas: Mademoiselles Luiza Cardoso (Margaride), Isaura Saturnino, Maria Cardoso (Margaride), Angela Galvão, Ana Cardoso (Margaride), Madame Adolfo Barbosa, Mademoiselles Maria Amélia Silva, Alice Jotta Santos, Mesdames Dr. Castro Lopes, Oliveira e Silva, Mademoiselles Elisa Fonseca, Annette Galvão, Matilde Cardoso (Margaride), Henriqueta Mexia (Pombreiro), Alzira Margalhães.—3.º plano de pé: Mesdames José Menezes, Ribeiro da Silva, João Cardoso (Margaride), Paulo Osorio, Condessa de Marim, Mademoiselles Ermelinda Barbosa, Maria Carmo Galvão, Maria Luiza Faria, Madames Carcavelos, Magalhães, Artur Lopes.

no curto prazo de hora e meia, castelos de aspetos feudaes, vilas e chalets com corretas linhas de construções modernas, tendo sido conferido ás peças classificadas valiosas medalhas de prata e *vermel.*

Após a classificação do juri foi servido um chá pelas senhoras da nossa colonia balnear que deram a esta festa um cunho encantador dispondo artisticamente sob os toldos da praia ornamentações de flores, arbustos, palmeiras, etc. Entre as flores viam-se pe-

quenas mezas adornadas com ricos cristaes e pratos valiosos e cobertas das mais finas iguarias. A assistencia era numerosa e elegante e formada na sua maior parte pelas mais distintas familias de Lisboa e Porto.

Seesta festa se realizou deve-se á commissão composta pelos srs. José Menezes, Artur Lopes, David Ribeiro da Silva, Lamartine Oliveira e A. Barbosa, que para isso trabalharam afincadamente. A' noite houve baile no casino.

A. BARBOSA.



Um aspeto elegante de assistencia

Praia de Armação de Pera



1. Vista parcial da praia—2. Diante do mar
(Cliché do distinto amador fotografico sr. Gracindo Sayal)

Em Vieira do Minho



Vieira do Minho é das mais lindas terras d'essa região encantadora de soberba paisagem verdejante, de belas mulheres, deliciosos pontos de vista e largos panoramas.

A' sua beira vi-



ve Cantelães cujo campanário se avista a distancia na aba da serra da Oliveira e o Castro de Vila Seca que segundo a tradição tinha um caminho subterraneo que ia dar ao Ave. E' aqui que o povo



1. A caminho de Espinho: A travessia da Serra da Cabreira—2. O curral na propriedade do sr. M. Duarte em Cantelães—3. O lugar de Espinho vendo-se ao fundo a serra do Gerez

festeja estrondosamente a senhora da Fé que tem uma linda ermida ha pouco reconstruida, bem como a ima-

gem, pelos cuidados do abastado lavrador sr. Manuel Duarte a quem a povoação já deve grandes beneficios pela sua decidida iniciativa e exemplar caridade.

E' cheia de recordações historicas a re-

guras que evocava. Ruivães, que fica visinha, lembra os episodios das guerras civis do periodo de 1836-37

e a convenção dos generaes conde das Antas e duques de Saldanha e da Terceira.

Ha pouco ainda no pequeno povoado de que Cantelães, que é um ninho cheio de beleza e de frescura se realisaram grandes festas em louvor da santa que atrae sempre — como em todas as romarias minhotas d'um sabor pagão — grande

numero de forasteiros, gente das aldeias visinhas que pelos caminhos pitorescos vão á sua devoção e ao seu divertimento.

E d'esta vez como das outras não faltou a animação e o entusiasmo proprios d'essas festas onde o povo folga distraido das suas occupações, do seu labor, das suas inquietações diarias.



gião e visinhanças, alguns nomes das suas aldeias evocam paginas brilhantes como a da parte do Misarela onde ficaram muitos francezes do grande exercito Soult, na sua retirada em 1809, a ponto dos historiadores recolheram a tradição de que áquele logar chamavam os batidos: o *Miserere* pelas grandes dores e amar-



1. A casa do sr Manuel Fernandes Canela em Espinho, concelho de Vieira — 2. A capela de Santa Isabel em Espinho onde se realisaram as festas — 3. A casa do abastado proprietario sr. Manuel Duarte em Cantelães, concelho de Vieira — (Clichs do photographo João Canela)

A EPOCA NO "APOLLO"



1. Maestro Filipe Duarte.—2. Atriz Rafaela Fons.—3. Atriz Amalia Raule debutante.—4. Atriz Militina Neves, debutante.—5. Atriz Carmen Martins.—6. Maestro Alagarim.—7. Atriz Georgina Gonçalves.—8. Atriz Margarida Velozo.—9. Atriz Lucia Garcia.—10. Atriz Paz Rodrigues.—11. Atriz Josefina Soares. 12. Atriz Alice Rodrigues.—13. Ator e ensaiador Nascimento Fernandes.—14. Ator e diretor de cena Jorge Gentil.—15. Atriz Maria Dolores.—16. Atriz Amelia Ferreira.—17. Ator Jorge Roldão.—18. Ator Carlos Machado.—19. Ator Augusto Machado.—20. Ator Artur Rodrigues. 21. Ator Jorge Grave, que debuta.—22. Ator Manuel Rocha.—23. Ator Placido Ferreira.—24. Ator J. Pinheiro.—25. Ator Alvaro Ferreira.—26. Ator Carlos Barros.—27. Cenografo Luiz Salvador.—28. Costumier Castelo Branco.—29. Contranagra, Frederico Ferreira.—30. Maguista João Pereira.—31. Ponto Jorge Ferreira.—32. Eletricista José Cunha



Saraiva.—33. Emprezario Amelia Pereira.—33. O

Lino Ferreira.—34. Atriz emprezario Luiz Ruas.

Realizou-se no dia 26 a inauguração da epoca de inverno no teatro Apolo, cuja exploração é feita pelos ativos e inteligentes emprezarios Luiz Ruas e Lino Ferreira. Do seu elenco fazem parte festejados artistas, estreando-se, em Lisboa, a

atriz cantora Amalia Raule, fazendo o seu debute os distintos amadores Jorge Grave e Militina Neves, que em varios teatros teem ouvido justos aplausos, e reaparecendo as gentis atrizes Lucia Garcia e Rafaela Fons e o ator Augusto Machado.

EM ROMA: — A travessia do Tibre a nado — Uma festa de sport

Com um formosíssimo dia de sol realizou-se, ha pouco, em Roma, a já tradicional travessia a nado do Tibre—o rio que divide a velha Cidade dos Cezares, banhando-a com as suas aguas cristalinas, mas d'um loiro especial, esquisito, que os poetas latinos tanto celebraram... e immortalisaram.

Esta travessia é organizada todos os anos com fins eminentemente sportivos, despertando sempre enorme entusiasmo no publico, que se não dispensa de

nhoras da melhor sociedade romana

que, cheias de entusiasmo e elegantíssimas nas suas frescas *toilettes* d'estação, davam a nota mundana no brilhante certamen. A comissão organizadora do *match*, autoridades romanas e o juri, circundado, como é praxe, das pessoas



O castelo de S. Angelo, perto do qual se trenaram alguns dos mais entusiastas nadadores.

admirar o belo espetáculo que lhe oferecem ao ar livre, debruçando-se do muralhão que, em frente da cidade, se estende ao longo do rio, ou de cima das numerosas e artisticas pontes que o dominam.

Na *Passeggiata di Ripetta*, que é uma das lindas avenidas marginaes do Tibre, apinhava-se, pois, a multidão dos curiosos e, junto da *Ponte Margherita*, nos *chatets* flutuantes que as varias associações romanas de *sport* e de recreio ali pos-

de mais elevada cotação no meio sportivo, achavam-se comodamente instalado e abrigado do sol, n'um espaçoso pontão construido expressamente para tal fim e vistosamente ornamentado com as bandeiras nacionaes das associações de *sport* e de recreio que aderiram á simpatica festa. A travessia estabelecida foi de 5.200 metros. A's 10 horas e 45 minutos o *starter* fez a chamada, principiando a dispôr os nadadores em ordem de partida. Dos 42 inscritos só compareceram 37 e

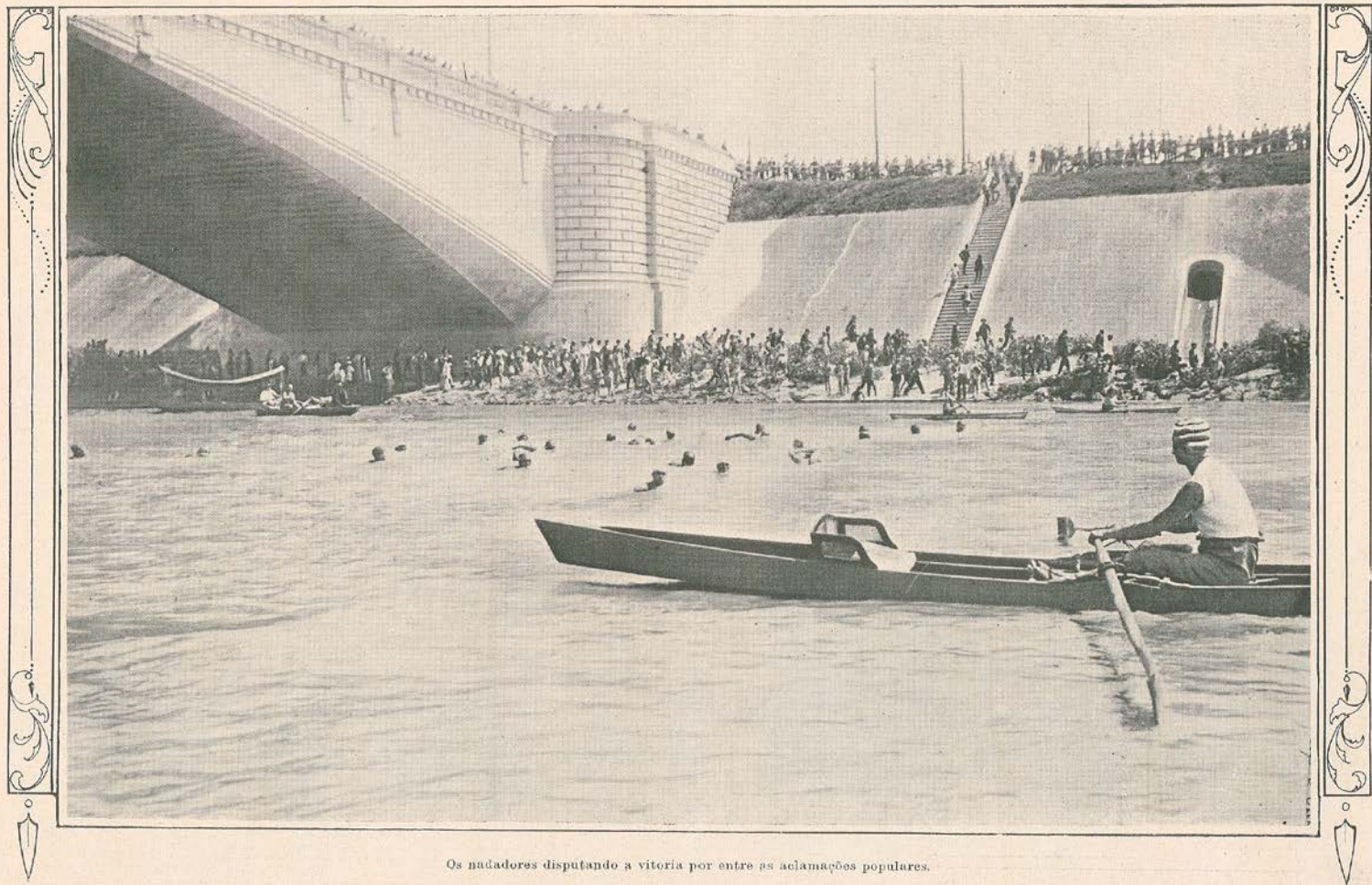


Alguns nadadores dirigindo-se para o local do torneio.

suem, ancorados. Os *aficionados*, querendo gosar o espetáculo ainda mais de perto, aglomeravam-se nas barracas de banho que, no mesmo local, os improvisam n'esta epoca e se assemelham aquellas que se usam em Coimbra, para os banhos no Mondego. A imprensa preferiu tomar logar n'um barco destinado a acompanhar os nadadores durante a travessia. Na multidão descobriram-se facilmente todos quantos se interessam por taes provas de destreza e robustez fisica e muitas se-

entre eles o eximio nadador, já campeão de outros *matches*, Mario Massa, que ganhou o 1.º premio, com uma arrancada admiravel de energia, gastando no trajeto apenas 40 minutos e 25 segundos.

Os premios eram medalhas de ouro e prata, havendo uma, magnifica, oferecida pela rainhã-mãe. O ministerio de instrução concorreu com uma *taça de honra* de que ficaria detentor o *club sportivo* ao qual pertence o campeão do *match*.



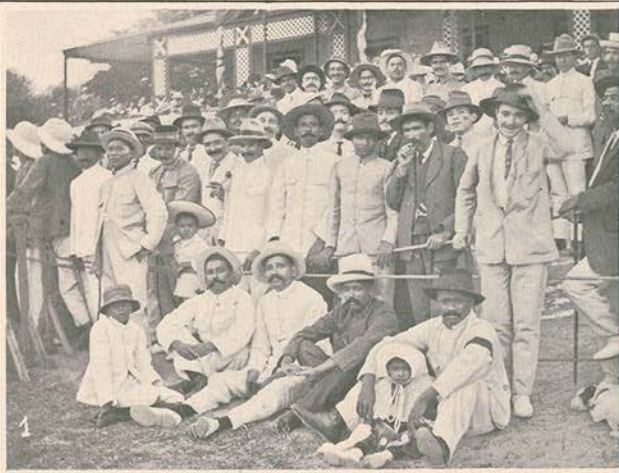
Os nadadores disputando a vitória por entre as aclamações populares.

VIDA COLONIAL

Festas na Beira.
— Devido a um núcleo de dedicados amigos dos exercícios desportivos, organizou-se na Beira um grupo que cultivava varios desportos e que já tem mostrado o seu valor em varios torneos ali realizados.

Ultimamente ainda isso se comprovou nos exercicios e «match» entre inglezes e portugueses e que chamaram grande concorrência ao local das diverões desportivas.

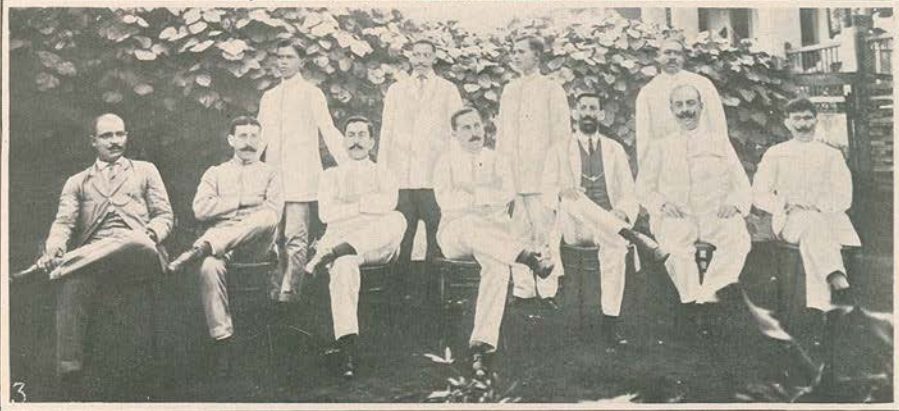
A 9.ª Companhia de Moçambique — E' esta uma das mais disciplinadas companhias indigenas que os seus officiaes e sargentos brilhantemente mantem tanto sob o ponto de vista da bravura militar co-



Depois d'uma festa desportiva realizada na Beira (Africa Oriental) entre inglezes e portugueses.—(Clôché do fotografo amador sr. Mario Mendonça Santos)



tem prestado relevantes serviços n'aquella provincia constituindo ao mesmo tempo um grupo irmanado pela maior amizade não só entre colegas mas com os proprios superiores o que só faz ganhar os trabalhos a seu cargo n'aquella nossa possessão ultramarina.



2. Grupo d'officiaes e sargentos da 9.ª Companhia indigena de infantaria de Moçambique expedicionaria a Angola e que va regressar á sua provincia.—1.º plano: alferes Antonio Braz, capitão Pereira Cardozo, alferes Manuel Gonçalves.—2.º plano: 1.º sargento Vladimiro Lucio Lopes d'Azevedo, 2.º sargentos Baltazar Rodrigues, Manuel Gonçalves, José Casimiro Cardozo e 1.º sargento José Augusto Fernandes e Eduardo Afonso.—3. Empregados do quadro de fazenda da Guiné: Da direita para a esquerda 1.º fila, sr. José Fonseca, Armando de Castro, Antonio Gonçalves, Plinio Tinoco, João da Silveira, Pedro Ataide, José Julio de Souza e Candido Cabral.—(Clôché do distinto fotografo amador sr. A. J. Reis.)

El capitania=mór dos Dembos

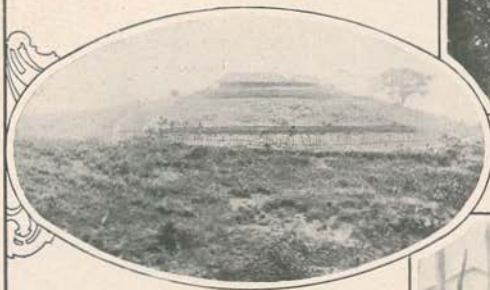


1. Os officiaes que fazem parte da guarnição da capitania: De pé da esquerda para a direita: alferes Roberto, tenente Vitor Hugo, capitão Chalupa, tenente Pereira, alferes Cozdeiro, tenente João Francisco Parreira (comandante do forte e fotografo da coluna)

Sentados, da esquerda para a direita: alferes Saraiva, tenente David Magno (ajudante), capitão Maia Pinto (comandante), capitão medico André Rodrigues e alferes Gama.

dembo maior e estabelecer aí um forte.

Pelo quer que fosse, que este dembo se divorciasse em julho de 1913 da nossa autoridade, determinou a ida ali d'uma nova coluna, comandada pelo chefe do estado maior



3. O forte de Caçula Cahenda a sanzala dos soldados cassados e a casa comercial.

4. Os sargentos da fortaleza: de pé, da esquerda para a direita: sr. Castro, Amaden, Martins, Alves, Machado e Bâtista. Sentados: Ascenção, Rebelo, Pinheiro e Vieira.

da provincia, capitão de artilharia, Carlos Henrique da Silva Maia Pinto, e dos officiaes que formam hoje a guarnição da capitania e cujas fotografias publicamos.

A região dos Dembos, que dista 80 leguas de Loanda, na provincia de Angola, continua por submeter, não obstante as colunas de 1872 e de 1907. Em 1909, David J. G. Magno, conseguiu avassalar o Caculo Cahenda, o



O forte de Caculo Cahenda parece um ninho de agua.



(Fotografias do tenente sr. J. F. Parreira)

No Lubango

A fértil região do Lubango, com a sua pitoresca *Senhora do Monte*, os seus trigaeos dourados, o murmurio cristalino das suas tres levadas, os caes dispersos de aspecto genuinamente portuguez — tudo isso junto, apresentado de chofre á retina surpreendida do



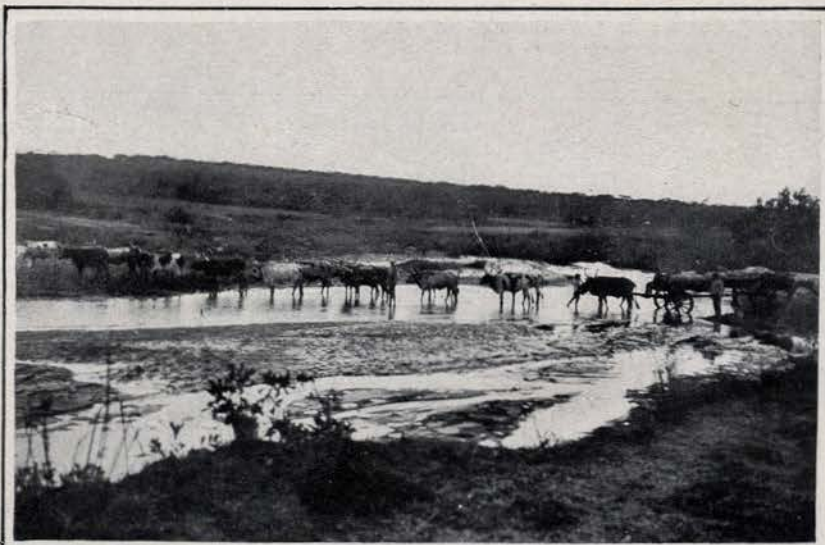
Vista panorâmica do Lubango, tirada da esplanada do quartel de dragões

A perspetiva do Lubango é, efetivamente, a de uma pequena cidade provinciana, com os seus arrabaldes agricolas e o seu nucleo central onde se instalam o comercio e as repartições do Estado e d'onde partem as magnificas estradas com que se faz a comunicação



2. Edifício dos paços do concelho.—3. Delegação de saúde do Lubango.

visitante, faz surgir a ideia de que um farrapo do Portugal longinquo se destacou da Europa e veio ali fixarse, aninhado sob a proteção da magestosa serra da Chela, como que perpetuando a milhares de leguas, a vida serena e limpida, d'um povo de camponezes laboriosos.



Passagem d'um carro boer no rio Culubar.
(Clichés do distinto fotografo amador João Agria)

para o interior e para o litoral.

No amago da vila, o bello trecho compreendido entre o edificio dos paços do concelho e o Quartel dos Dragões, deve constituir, depois de ajardinado, uma esplendida avenida que em nada desmerece á da maioria das de Portugal.

FIGURAS E FACTOS



1. Sr. Artur Peixoto d'Assunção, condutor de máquinas de l.ª classe que faleceu em virtude de ter caído do bordo do «destroyer» Douro ao Tajo.
2. Sr. David José da Silva, guarda livros falecido em Lisboa.



3. Sr.ª D. Ermelinda Julia Gonçalves Duarte, esposa de sr. Joaquim Pereira Duarte, falecida em Lisboa.
4. Sr. Manuel Gomes Cortez, capitalista falecido em Mourão.
5. Sr. Francisco Silva Campos, capitalista falecido em Pinhel.

6. Sr. Francisco de Castro, solicitador, falecido em Cintra.—7. Sr. Diogo Evaristo da Silva, proprietario e horticultor, falecido em Lisboa.—8. Sr. José Cano, capitalista, falecido em Serpa.



O «comité» da exposição colonial que se vai instalar em Belem, sr. general Joaquim José Machado, engenheiro Melo de Matos, Barreto Sales Avila Peires, Ernesto de Vasconcelos e Manuel Roldan.



Senhorita Maruja Pardo Trapote.

A distinta cantora hespanhola senhorita Maruja Pardo Trapote, que obteve um grande triunfo no Conservatorio Nacional de Musica de Madrid, vaé partir brevemente de Cascaes, onde está veraneando, para Italia, a fim de se apresentar em varias cidades onde sem duvida obterá novos triunfos.



Sr. Alberto de Madureira, autor do livro *Alma Enamorada*.

O livro «Alma Enamorada» de Alberto de Madureira, é uma sentida obra na qual o escritor, que cegou, poz toda a sua condoida alma e toda a sua amarga dôr de desditoso.



Grupo de gaiteiros premiados no concurso realizado na romaria da Senhora da Encarnação em Vila Nova de Cerveira.—Srs. Hernando D. J. Mentrestido; 2. Tomaz R. Gaitero; 3. Antonio L. Caminha; 4. Fuaes G. del Castilho; 5. Augusto R. y Rafael; 6. Primo Agapito.

Escolas de Repetição: NO PORTO, FREI- XOFEIRA E VIZEU

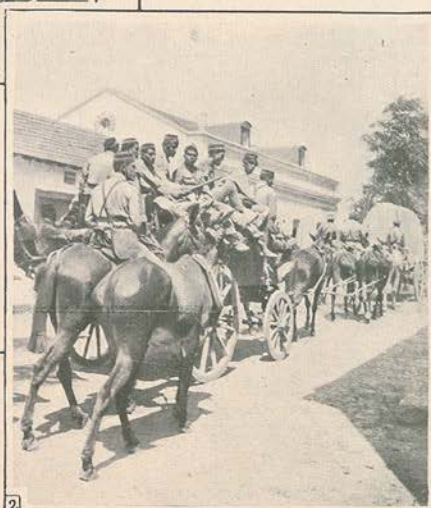


litar no curto espaço de sete dias conseguiram fazer as suas manobras com tanto brilho que não lhes foi regateado o louvor dos officiaes generaes que a elas presidiriam nem das autoridades superiores da guerra cujos relatorios são bem elucidativos.

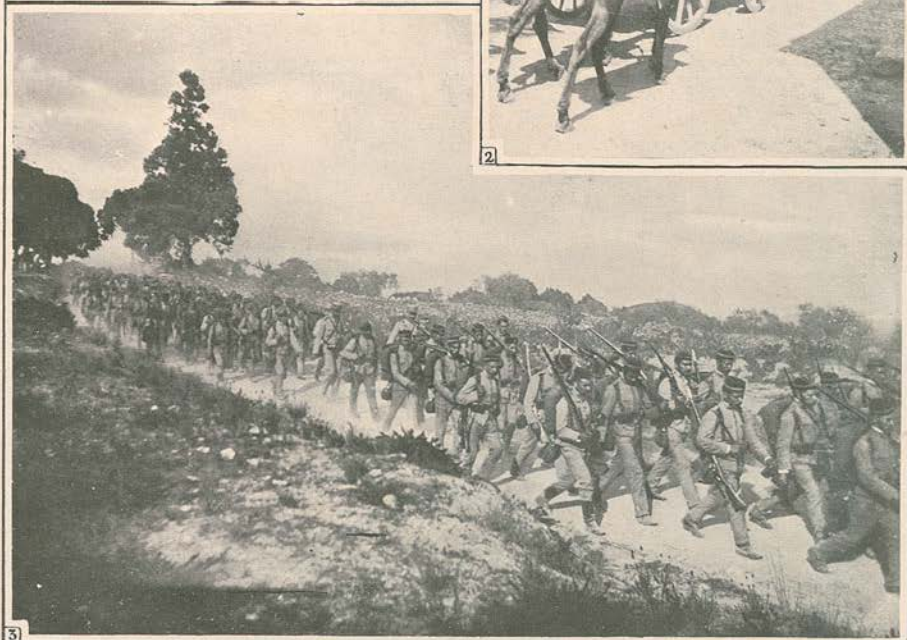
1. No Porto. O coronel Simas Machado comandando a infantaria
(Cliché Alvaro Martins)

Teem continuando por todo o paiz as escolas de repetição com o mesmo exito e com a mesma perfeição de sempre isto em todas as armas onde a instrução se ministra n'um curto período mas d'uma maneira precisa, admiravelmente pratica.

Os corpos d'infantaria, cavalaria e artilharia, as brigadas mixtas, a administração mi-

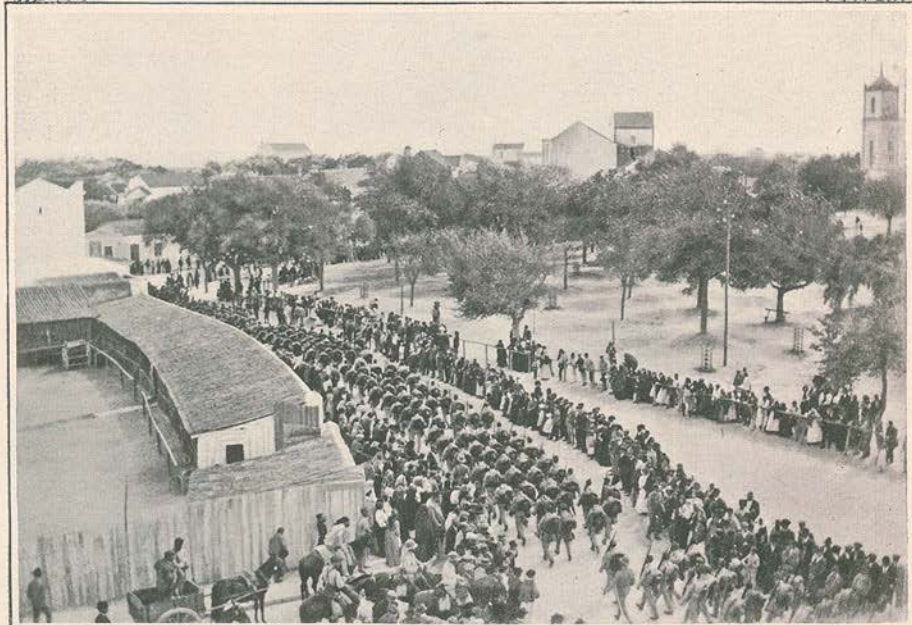


2.



3. A passagem das vistoras da companhia de equipagens na Freixofeira. (Cliché do distinto amator sr. Cruz Martins)—3. Vizeu. Na estrada da Fragozela com destino a Alcofáche o regimento de infantaria 14—(Cliché do distinto amator fotografico sr. Joaquim M. Batalha)

ESCOLAS DE REPETIÇÃO: Em Santarem



Infantaria 16 em marcha—(Cliché do distinto amator fotografico sr. Carlos da Silva Nunes)

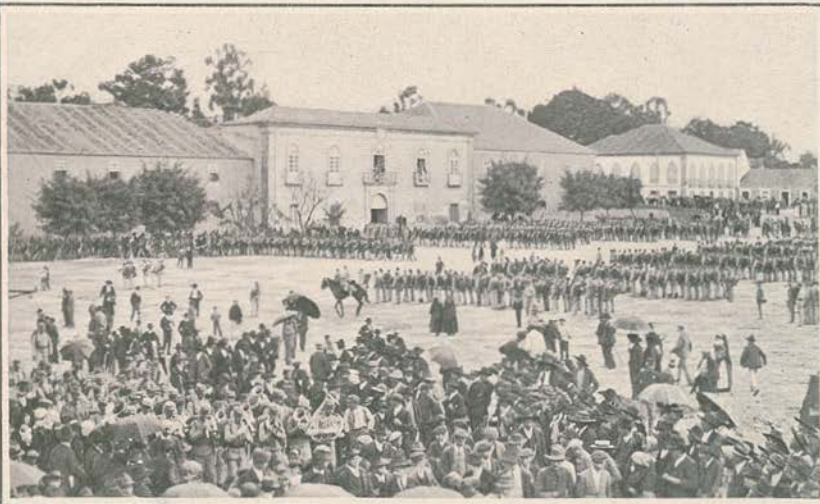


Alguns pelotões de infantaria 16 e 3 baterias d'artilharia 3 formadas em coluna mixta, no Campo Sá da Bandeira, afim de seguirem para as escolas de repetição—(Cliché do distinto fotografo amator sr. Francisco da Silva)

Escolas de Repetição: em Castelo Branco

Em Castelo Branco também as escolas de repetição tiveram o êxito que

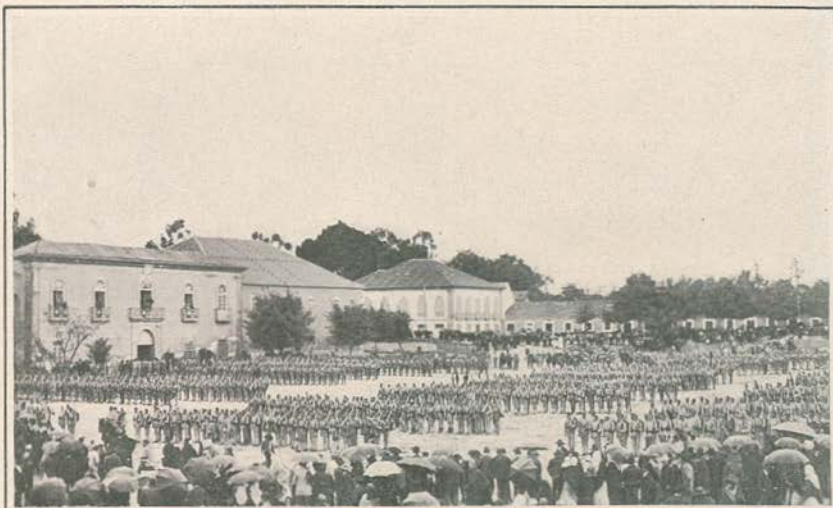
dos soldados chamados a essa prova no distrito. Todos os serviços d'acan-



Infantaria 21 e o 7.º grupo de metralhadoras saindo para as escolas de repetição

se manifestou em todos os exercícios realizados tendo manobrado infantaria 21 com o 7.º grupo de metralhadoras de forma a demonstrar cabalmente a instrução

tonamento e de provisões foram do mesmo modo excelentes verificando-se ainda a resistência do material das metralhadoras n'esses rudes dias de mobilização.



As unidades na praça da Republica em frente do quartel
(Fot. do distinto amador sr. dr. Manuel Pessoa)



Formosa

(A' ex.^{ma} sr.^a D. F. M. R. Teixeira)

Em ti mil graças sempre estão chovendo...
Se falas, graças mil se estão ouvindo,
Mil graças n'essa boca se estão rindo,
Graças mil n'esses olhos se estão vendo.

Beijam-te umas as mãos, outras, correndo,
A teus mimosos pés te vão seguindo.
Umás por tuas faces vão subindo
Outras por teus cabelos vem descendo!

Não são só tres as graças: Milhões d'elas
Tu tens na tua esplendida figura
E que, postas em ti, ficam mais belas!

Já quiz contal-as, mas achei loucura...
Que é reduzir a numero as estrelas
Contal-as todas n'essa formosura!!

SINARY PELINGA.

(Soneto classificado no concurso da ILUS-
TRAÇÃO PORTUGUEZA)

STVART

O presente de noivado dos monarquicos de Coimbra



A cantarinha

Os monarquicos de Coimbra ofereceram a D. Manuel de Bragança pelo seu noivado uma cantarinha das tradicionaes d'aquella cidade na qual ha, além das armas brigantinas e

dos Hohenzollerns entrelaçadas e em prata, varios ornatos envolvendo o corpo superior da bilha coimbrã que constituiu um singelo mas gracioso presente.

O crime de Madrid

O grande crime que aterrorizou a Hespanha inteira e causou uma grande sensação na península vai dentro em pouco ter o seu desenlace. Trata-se do assassinio do sr. Jalon pelo capitão Sanchez que o atraiu a sua casa por intermedio de sua filha Maria Luiza, tendo joga-



1. Capitão Sanchez que assassinou o sr. Jalon—2. O advogado do assassino sr. Leirano Batanero

da casa que habitava, na escola militar, atirando outros ao cano das aguas, que ao ser desentupido a seu pedido por uns soldados, mostrou o seu extranho e horrivel conteudo.

Preso o capitão e sua filha deram-se cênas terríveis em que mutuamente se acusavam.



O réu diante do conselho de guerra que o julgou

do com ele muito tempo e acabando por não o deixar partir com o dinheiro ganho. Depois de o assassinar cortou-o aos pedaços com o mais requintado sangue frio e meteu esses restos humanos no buraco d'um sótão



Outros crimes do capitão vieram a lume e o conselho de guerra está julgando esse singular assassino que durante muito tempo vestiu o honrado uniforme d'um bravo e digno exercito.



Maria Luiza, a filha do capitão assassino e que atraiu Jalon a sua casa, com o seu defensor sr. Cabrera e com a vigilante do carcere das mulheres

FIGURAS E FACTOS



A detonação fez acorrer muita gente ao local do acontecimento sendo o farmacêutico encontrado com o corpo despedaçado e começando logo a instrução policial que deu em resultado a prisão do sócio de A. Costa, V. Barata já posto em liberdade, do dentista Antonio de Sousa que dava consultas no estabelecimento, assim como de Julia Garrido que guardara ha tempo em sua casa uma mala com bombas pertencentes ao homem agora vitimado pelcs seus explosivos.

O farmacêutico Antonio Costa, estabelecido junto á Bica de Duarte Belo, e que já fôra acusado de conspirador tendo sido absolvido no tribunal das Trinas, foi vitimado por uma bomba de dinamite que fabricava no laboratorio da botica altas horas da noite.



Antonio Costa, vitima da explosão



3. O prédio onde se deu a explosão



1. A explosão da bomba de dinamite na farmacia da rua do Calhariz; O interior da cosinha depois da explosão
4. O grupo dos Madrugas no seu passeio a Rio Tinto—(Cliché do distinto fotografo amador sr. Teixeira Mendes)

EM NAPOLES: As grandes festas da Piedigrotta

Lenda e historia

Acabam de realisar-se em Napoles, com o concurso de milhares de forasteiros, as tradicionais e originallissimas «festas de Piedigrotta.»

Napoles, a mais pitoresca e caracteristica das cidades italianas, encheu-se de alegria, de sons, de canções e de luzes para celebrar com estrondo, a m lagreira «madonna di Piedigrotta.»

Estas brilhantissimas festas, a que toda a população de Napoles, sem distincção de classes, se associa e para as quaes subscreve com enorme entusiasmo, tem uma origem bastante remota e que vale a pena referir, resumindo a «lenda» que as cercam e, por assim dizer, as poetisam. *

Conta-se, que na manhã de 8 de setembro de 1353, reinando em Napoles, Joana I, um virtuoso frade, quando se dirigia para os afamados banhos de Pozzuoli, sofreu d'uma visão.

No momento em que ia transpor a entrada da gruta escavada na rocha, appareceu-lhe envolta no seu manto diafano a Virgem, «impondo-lhe» o levantar uma igreja á entrada da gruta, a «pede Crypta.»

No mesmo dia e á mesma hora um santo ermitão, estando a pregar no monte Pusillipo, ao pé da tumba do «filosofo Virgilio,» sofreu de identica visão! Mais succedeu que, por aquele tempo, na ilha de Lucullo, onde se en-



Um grupo musical com os instrumentos caracteristicos d'esta festa.



Mangia Macheroni.



Outro grupo musical popular.

contra o «Castello del Ovo», se fundou de mui nobres damas. Ora, precisamente no mesmo dia e á mesma hora, uma das aristocraticas freiras d'esse convento, da principesca Casa di Durazzo, ainda aparentada com a rainha, sofreu tambem na sua cela da mesma estranha visão! A freira, surpreendida, mas ardendo em fé religiosa, deuse a gritar: milagre! — e a sua voz espalhou-se logo por toda a cidade e redondezas.

Antes, porém, de tal «milagre» já existia junto da misteriosa gruta uma capelinha consagrada á Virgem, aonde se faziam numerosas peregrinações e, segundo o testemunho de Giovanni Boccaci, já era usada, como juramento, a significativa frase: «per la Madónna di Piedigrotta,» — o que bem demonstra quanto a Virgem ali era venerada.

Com o andar dos anos, no logar da capelinha, ergueu-se uma grande igreja.

Uma antiga lenda, conservada ainda hoje pelas mulheres de Pusillipo, diz que a gruta di Puzzoli, é obra... do Diabo. Quando um dia, para os seus tenebrosos planos, o Diabo queria atravessar a montanha, arreliado com a sua resistencia, pespegou-lhe tamanho pontapé que a rocha ficou «molgada», originando-se assim a formosa gruta!

A lenda ain-

da acrescenta que o Diabo pretendia ir reunir-se com os seus «fiéis vassallos» do outro lado da montanha, pois, segundo os mais antigos poemas, as «bocas» do Inferno escancaram-se junto dos lagos de Averno e Lucrino, cujas águas se perderam ou evaporaram ha seculos...

Divulgada a singular visão, todo o povo de Napoles, com a rainha á frente e seguida por grande sequito de nobres e clerigos, dirigiu-se para a capelinha. Deu-se então um facto curioso. Como a capelinha era anterior ao cristianismo, quando se iniciaram os trabalhos de demolição para se lançar a primeira pedra da basilica que a virgem ordenara ali se construisse, appareceu uma estatua de qualquer divindade pagã. O povo, porém, completamente fanatisado, gritou ainda; milagre! milagre! e afirmou que a estatua era a imagem da Virgem!



1. O arraial junto à igreja da Piedigrotta.

tografias das «festas de Piedigrotta» mostra aos seus leitores aspectos interessantissimos da «vida napolitana», tão cheia de poesia como de originalidade, pois não se confunde com a de nenhuma outra cidade da Italia.



2. Uma arraca no arraial de Piedigrotta vendendo ao publico as suas acreditadas... mixordias.

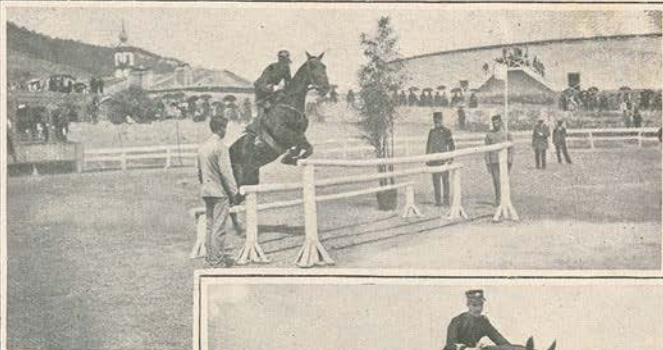
A igreja surgiu finalmente e, como resulta d'uma Bula de Nicolau V, foi concedido ao rei de Napoles, Afonso de Aragão, bem como o «luogo di Piedigrotta», afim de aí se instalar o convento.



O Piedigrotta na baía de Napoles

A Ilustração Portuguesa, inserindo algumas fo-

Concurso hipico em Viana do Castelo



brilhante prova d'este genero que atraiu ali grande numero de pessoas reinando o entusiasmo com que de ha muito se acolheram

O sport hipico tem obtido o mais belo acolhimento por todo o paiz. Por todo o norte porém, é recebido com verdadeiro entusiasmo tendo-se construido hipodromos em quasi todas as cidades nos quaes



1. Um salto pelo cavallo do alferes sr. Ciriaco Costa—2. Um salto pelo cavallo do sr. Lusignan



as provas de destreza na equitação tão frequentes entre os cavaleiros nacionaes.



concorrem os mais eximios cavaleiros portuguezes disputando avultados premios como succedeu no Porto e em Coimbra.

Ultimamente, ainda foi em Viana do Castelo que se realisou uma



3. Um salto pelo cavallo do capitão sr. Martins de Lima.
4. O cavallo do alferes sr. Moura Borges n'uma descida de rampa. — (Clicks do distinto fotografador sr. Carvalho Vieira)

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quíromancias, cronologia e fisiologia e pelas aplicações práticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelo numero dos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todo os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 19000 rs., \$500 e \$3000.

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA



Wigard
UNICA QUE ACENDE COM UM FOFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES A PARRIZO, PE-REIRA & C. — COIMBRA —



Deu-se representantes em todos os concelhos

Para que
=viver? =

triste, miseravel, preoccupado, sem a nor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS e LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YNALO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELE — PARIS.

Seculo

Comico

Semanario alegre proprio para
a leitura em familia

Em todos os numeros
CONTOS COMICOS,
CARICATURAS, VERSOS
ALEGRES, ETC., ETC.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone 2777 LISBOA

SABONETE DO CONGO

= VICTOR VAISSIER

Sederia

Schweizer

de port e a domicilio.
Últimas novidades em sedas para Vestidos e bluzas bem como em veludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.

Schwaizer e Ca., Lucerne E II
(Suissa)

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animais, etc.

Preço 20 rs. cada numero

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos; analises e informações.

Por assinatura, trimestre 250 réis

A mais barata publicação do genero

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Composição e Impressão

ZINCOGRAVURA E FOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo—o de tricromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREO TIPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diários da tarde ou da noite.

Officinas da ILUSTRAÇÃO "PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo 43—LISBOA



SIFÕES PRANA SPARKLETS

N'estes dias de calor que vão correndo, torna-se, por assim dizer, uma necessidade a aquisição de Um sifão Prana Sparklet, cujo preço é tão diminuto que está ao alcance de todos.

A preparação de refrescos e bebidas gazoas, instantaneamente com agua d'absoluta confiança, é uma comodidade que exclusivamente se consegue com o emprego dos SPARKLETS.

E' o aparelho mais perfeito, comodo e elegante para qualquer em sua propria casa preparar refrescos deliciosos e higienicos.

Uma simples experiencia basta para convencer qualquer pessoa.

A' venda em toda a parte.

PREÇOS

Sifão B, 1\$600. Caixa com 12 cargas 360.

Sifão C, 2\$500. Caixa com 12 cargas 550.

Uma lata de cristaes de frutas para muitos refrescos, 300.

UNICOS IMPORTADORES

FARMACIA BARRAL

126, RUA AUREA, 128

LISBOA